

# O mundo atual, a economia e a política financeiro-econômica

Irun Santana (Rio de Janeiro)

Vivemos hoje uma situação profundamente contraditória. O capitalismo, para crescer, desde que nasceu - desde que existiu - teve que estimular a produção. Inicialmente, e sempre, desde aí, isso se fez pela mais-valia, isto é, a quantidade de trabalho acrescida ao produto pelo proletário, que é e sempre foi apropriada pelo capitalista. Com o tempo, a produção, para crescer e se impor, foi criando formas de produzir cada vez mais: a descoberta do uso do fogo para dominar o emprego dos metais; a roda para facilitar o uso de máquinas; a doma do cavalo para encurtar as distâncias e inúmeras maneiras de caçar, pescar, produzir alimentos.

Inexoravelmente, estes aperfeiçoamentos da atividade humana foram sendo empregados, aumentando a velocidade e aceleração do desenvolvimento humano. Dentro do processo econômico que nasceu com a humanidade, surgiram as sementes do capitalismo, que vem crescendo até chegar à maturidade, no século XVI, sob a forma do capitalismo mercantil. Desde aí, o crescimento aritmético do capitalismo transformou-se em crescimento geométrico, para atingir o crescimento exponencial dos dias de hoje e tornar-se, com todo o desenvolvimento, em seu próprio algoz.

Se não tergiversamos, esta é a visão marxista, exposta com muita clareza em várias páginas do "Grundrisse", livro que resume as afirmações que Marx fez para elaborar seu monumento filosófico-econômico, "O Capital".

Inexoravelmente, estamos na Crise Final do capitalismo. Na lactância, na infância e na juventude, na maturidade ou já idade adulta. A cada ano, a cada mês, a cada momento, estamos sofrendo os efeitos do fim do capitalismo.

A mídia, em todas as partes do mundo, anuncia um aumento de 1% nas bolsas como o fim da crise, esquecendo, ou tentando fazer o povo esquecer, que a partir de setembro de 2008 as bolsas e todo o movimento financeiro-econômico caíram entre 30 a 40%. Os governantes, os economistas, os banqueiros e donos de empresas exultam, mas a realidade é aquela sublinhada por Marx, são ocorrências pírias frente ao estrago causado por falências como a da Lehman Brothers, que reduziu em 30 a 40% a soma de todas as atividades econômicas, eu disse econômicas, não financeiras.

Financeiras, quase todas, são as medidas tomadas para salvar as instituições financeiro-econômicas capitalistas, ou melhor, o capitalismo.

A situação traz à mente de uma pessoa esclarecida a imagem antológica da espada de Dâmocles. A lenda é conhecida: o tirano Dâmocles recebia seus inimigos com uma espada pesada sobre suas cabeças, segura apenas por um

fio de seda. Durante a conversa, o fio rebentava, e pobre do infeliz. Este mesmo fato mitológico pode hoje ser modernizado se constáramos que aqui, ali e acolá, em todas as regiões do mundo, miríades de setas microscópicas estão caindo na cabeça do capitalismo, causando quando muito uma leve comichão. Um dia, não muito longínquo, essas setas se reunirão para com seu peso e constituição cortante rebentarem a cabeça do capitalismo.

Isto não significa como espalham os inimigos da ideia de que esta é a Crise Final do Capitalismo, que os defensores desta tese tentam um novo determinismo histórico, o de que o capitalismo cairá por si mesmo. Não. Não. Não.

Os defensores de que esta é a Crise Final assinalam apenas que ela é final porque marca, na economia, a pressão que representa, em cada momento, o Trabalho Morto sobre o Trabalho Vivo, que se tornará, como escreveu Marx, um trabalho pífio.

Mas essa situação não depende de ninguém, é imutável. É a Fase Final do Capitalismo. O trabalho objetivado está matando o trabalho vivo. E, com ele, matando o capitalismo, porque, dada a superprodução disto decorrente, diminui a taxa de lucro, e, conseqüentemente, a mais-valia e a exploração do homem pelo homem.

Isto não quer dizer que os marxistas poderão cruzar os braços e ficar em casa esperando que o capitalismo caia e desapareça. Não, não e não. Os séculos que permitiram aos capitalistas acumular fortunas garantidas, e, no momento, pelo trabalho morto, deram ao capitalismo armas de todo o tipo, para tentar se salvar, desde a avançada mídia até as armas atômicas.

E isso exigirá, por parte da humanidade, uma luta intensa, enorme, exaustiva, cruel, pela salvação do meio-ambiente, por emprego e/ou uma atividade lucrativa, por revoluções agrárias, pela passagem às mãos do povo dos meios de produção, incluído aí o direito à terra, por diminuição substancial das horas de trabalho, pelo aumento também substancial da instrução e educação da melhor qualidade, dos métodos profiláticos de saúde ou de tratamento de maior excelência, do aumento das horas de lazer em favor da afirmação do homem como o homem completo de Engels.

Este ideal socialista, no caminho do comunismo, só será obtido com muitas, muitas lutas: desde uma simples denúncia até passeatas, marchas, bloqueios de ruas, incêndios, e até mesmo a luta armada, com a volta de guerrilhas e guerras de libertação.

O Partido deve estar vigilante para observar as conseqüências políticas e econômicas dessa contradição entre o trabalho vivo e o trabalho objetivado. Se todos os finais de crises anteriores, desde 1870, vieram acompanhados de maior exploração do trabalho vivo, de apropriação crescente do trabalho morto, cabe ao Partido lutar para que isto não se repita.

Em todas as crises anteriores, o rico dinheirinho nosso, arrancado das mãos do povo para salvar bancos e empresas, não voltou às mãos dos verdadeiros donos. Ficou nas mãos dos capitalistas. O dinheiro arrecadado sob forma de imposto para: habitação decente, instrução e educação de melhor nível, prevenção de doenças e para meios de saúde da melhor qualidade e distribuída para todos, para o aumento das horas de lazer e da prática de esportes, estudos científicos, dedicação às artes. Tudo isto poderá ser, como sempre, subtraído ao proletariado e ao povo. É tarefa precípua dos Partidos Comunistas evitar, com lutas e mais lutas, que isto não aconteça.

Alicerçados nestas razões, propomos ao Partido Comunista Brasileiro e a todos os Partidos de Esquerda mundiais de orientação marxista-leninista, que criem junto a cada direção uma comissão de alto nível para estudar, acompanhar o desenvolvimento da contradição Trabalho Vivo X Trabalho Morto ou Trabalho Objetivado.

Esta comissão, a nosso ver, deveria ser composta por três economistas, três quadros do Partido, coordenada por um dirigente. A ela caberia:

- 1) Contabilizar os aumentos do trabalho objetivado e a diminuição do trabalho vivo; diariamente, semanalmente, mensalmente, anualmente.
- 2) Elaborar relatórios, nesses períodos, sobre qualquer mudança quantitativa que possa causar mudanças qualitativas significativas.
- 3) Sugerir à direção medidas que possam agir sobre a aceleração e velocidade do processo revolucionário.

Rio de Janeiro, 23.9.2009

Irun Sant'Anna